

Pregão Académico

Recitado em 5 de Dezembro de 1969, pelo
Aluno do 7.º Ano do Liceu de Guimarães
Armindo Francisco Sampaio Pinto Lisboa



Aos VELHOS NICOLINOS

numa evocação saudosa da
mocidade distante

dedica o AUTOR

GUIMARAES, ditoso Berço
Onde esta Pátria nasceu,
Sempre te cantou em verso
Algum nobre filho teu,
Talvez num mundo diverso
E sob o azul doutro céu!
Quando, em ti, meus olhos ponho
Neste anseio desmedido,
Fico de tudo esquecido
E tudo vejo num sonho
Por vezes bem divertido!
A Juventude é assim,
Sempre alegre e descuidosa
Num ambiente cor de rosa,
Como se fosse um jardim
No qual os seus olhos pousa
Numa arrogância sem fim!
Mas vamos ao caso, agora:
— Como tu estás mudado
Ditoso Berço, embalado
Pelo sol de nova-aurora
Que nos deixa extasiado
Por esses caminhos fóra!
Do alto dessa colina
Onde se ergue o Castelo,
Descubro um mundo mais belo
Onde a gente descortina
Quem ali mandou erguê-lo!
E, então, nesse momento,
Que o vulto de Madona
Acode ao meu pensamento,
Como nesse Monumento
Que, orgulhoso, se levanta
Na Terra de que foi Dona,
E nenhum outro suplanta!
Nesta Visão medieval
Que não se apalpa, nem mede,
Vejo nascer Portugal
Num feito que nada excede
E se tornou imortal
No CAMPO DE SÃO MAMEDE!
Isto ficou na memória
Dos doirados pergaminhos
Que honraram a lusa História,
Através dos mil caminhos
Que nos encheram de glória!
Nesta Visão que me enleva,
Que me cativa e seduz,
De novo se rasga a treva
Em cataratas de luz,
Vendo surgir, de repente,
A figura comovente
Do grande Mestre de Avis,
Cumprindo o voto que o leva
Junta à VIRGEM DA OLIVEIRA
Naquela hora feliz!
Lá está a Padroeira
Em cima do Seu altar,
Onde vai ajoelhar
Com a sua comitiva,
Para lhe manifestar
A sua fé, a mais viva!
Através dessas janelas
Com seus garridos vitrais,
Há-de o sol entrar por elas
Depois de se restaurar
Entre as naves ogivais!
Enquanto nos baldaquinos
Da rendilhada rosaceia,
Ecoará a voz dos sinos
Entre os ornatos mais finos
Tocados de cor violácea!
E SÃO FRANCISCO? Também
Se está restaurando ainda,
Na beleza que contém
Aquela Igreja tão linda!
Vão-se limpar as ogivas
Da sua Capela-mor,
Com as linhas primitivas
Que lhes dão maior valor.
E lá está Santo António
Como num místico exemplo,
Defendendo o património
Daquela histórica templo!

Vamos, agora, a outro assunto:
— Sempre Guimarães te ufanas
Desse garboso conjunto
Das FESTAS GUALTERIANAS!
Dir-se-ia que ainda te vejo
Atravessando a cidade,
O magnífico Cortejo,
Com aquela majestade,
Aquele aprumo casquilho
Que te deu tamanho brilho
E nos deixou saudade!
No luxuoso aparato
Desse imponente desfile,
Ergo as mãos a São Torcato,

Que entre os milagres que faz
Traga a este Mundo mais paz
Na sua ambição febril!
Vejo Camões, Gil Vicente,
Com um aspecto atraente
No seu fidalgo perfil!
Outros Heróis e outros Santos
Sem timidez, nem quebrantos
No seu garbo juvenil!
Vejo os destinos da Raça
Por onde o Cortejo passa
Nessas belas atitudes,
Seus defeitos e virtudes
Que lhes aumentam a graça!
No meio da multidão
Que em todo o lado se apinha,
Ruas e praças inunda,
Vai a formosa Rainha,
Num preito da gratidão,
Dona Maria II!

Quis a Câmara actual
Que a Feira de São Gualter
Voltasse a ser local
Onde costumava ser.
Só ali, entre cantigas,
A alma das raparigas
Com seus maneis todos anchos,
Exibirão os seus ranchos
Com mais intenso prazer!
Só ali, olhando a Penha
Com suas formosas vistas,
O coração dos Turistas
Com mais ardor se detenha!
Junto daquelas barracas
Há distrações e furturas
Para aquelas criaturas
Que, então, se sentem fracas!
Venha mais pão e mais vinho
Nessas vermelhas canecas
Deste bucólico Minho,
Com violas e rebecas
Festejando São Martinho!...

O Praça de São Tiago
Talvez do tempo dos mouros,
Trocaste as velhas adufas
Por modernos secadouros
Como se fossem estufas
Nos teus pobres mofados!
Sem te fazer mais agouros,
Nem um destino pressago,
Só te desejo e só peço
Que uma onda de progresso
Acuda a tantos desdoados!

Dizem que a Vida está cara,
Ninguém sossega, nem para
Sem achar quem o conforte,
Até que, enfim, se consola
Ao saber que o Totobola
Lhe traz a sorte
Com que, de há muito, sonhara!
Lá dizem os Ingleses:
«Time is money!» Enquanto
Nós por cá, os Portugueses,
Só encontramos dinheiro
Indo buscá-lo a esses Bancos,
Cobrando com o seu manto
Mesmo aqueles que são mancos,
Ou sejam dólares ou francos,
No meio de seus reveses
O que os atender primeiro!...

Quizeram três Argonautas
Pisar com seus pés a LUA,
E nenhum deles recua,
Nem desanima ou jejua
Com as medidas mais cautas!
Eu cá por mim, só lhes digo:
— Nesta hora grave e séria
Que todo o Mundo consome,
Existe tanta miséria,
Tanto infeliz sem abrigo,
Tanta criança com fome!
Tanta lágrima vertida
Dos olhos daquela Mãe,
Que já não vê mais ninguém
Que lhe stopare a triste vida...
Neste calvário profundo
Não seria mais fecundo
Evitar que tantas guerras
Cubram de luto essas Terras,
Sem descansar um segundo?!

Desvairada Humanidade
Escrava de tantos crimes,
Por certo não te redimes
Sem espalhar Caridade,
Nas cinco partes do Mundo!...

Só Vós, galantes Ofélias
De Rafael e de Rubens,
Sem triviais contumélias,
Vindes romper essas nuvens
Que nos separam de Vós,
Rosas, Judites, Amélias,
Como risonhas camélias
Que nunca nos deixam sós!
Sois as leis Companheiras
Junto dos livros de estudo,
Em vosso olhar lemos tudo
Que nos descerra clareiras
Num porvir mais carrancudo!
Que na cruz de vossos braços
Encontrem os nossos passos
Aquele amparo e carinho,
Aquele doce aconchego
Para subir a caminho
Que, às vezes, nos torna cego!
E ao calor de vossas leis
Talvez possamos, um dia,
Chegar a ser bachareis
Cá na nossa Academia!...

E Vós, tricanas gentis,
Vós que, também, nos ouvis
Ao cruzardes essas ruas
Com as pernas todas nuas
E sapatos de verniz...
Quero dar-vos um conselho:
— Atrai ao Rio Selho
Essa falta de pudor,
Como um farrapo vermelho,
Ou coisa ainda pior!
Nesta desordem tamanha
Dir-se-ia ninguém descansa,
Todos sonham com a França
Ou mesmo com a Alemanha
A ver onde mais se ganha!
Mini-saias! Mini-saias!
Não useis, também, as calças,
Deixai isso para as praias,
Pois fica o Mundo perplexo
Sem se distinguir o sexo
Com aparências tão falsas!
Só Vos falta andar de carro
E fumar um bom cigarro!
Mas não Vos zangueis conosco,
Sois filhas do mesmo barro,
Embora, às vezes, mais toco!...

Amado SÃO NICOLAU,
Nosso querido Patrono,
Deixa subir um degrau
Do Vosso florido trouço!
O Mundo não se endireita,
Mas lá no Céu, afinal,
O Vosso olhar nos espreguia
A defender Portugal
De tudo o que seja mau!
— Amor da Pátria é que manda,
E ele que nos defende,
E Portugal não se vende,
Não se retrai, nem desanda
A caminhar para a frente
Nesta afanosa demanda,
Com a Fé da sua Gente!...

Vamos, Rapazes, coragem!
Deixemo-nos de mais truques,
Longe daqueles batiques
Que tem origem selvagem!
Ao som dessas maçanetas
E à sombra das capas-pretas
Podeis fazer mais barulho,
Sem ir a outros planetas!
Dai pontapés a esse entulho
E a uma baixa linguagem
Manchando a cidade toda
Em que temos tanto orgulho!
A não ser que seja moda
Ver lixo por toda a parte,
Sem ninguém poder limpá-la!
Ou que possamos, ao manco,
Dormir no seio de VENUS
Ou no regaço de MARTE,
Fugindo a tantos venenos!...

Jerónimo de Almeida
JUIZ DA IEMANDE DE S. NICOLAU